

Campanha eleitoral e representações morais : o embate Moroni - Luiziane na campanha pela prefeitura de Fortaleza em 2.004

Rejane Vasconcelos Accioly Carvalho

1. Introdução

O embate entre os dois candidatos que disputaram a prefeitura de Fortaleza no 2º turno da campanha de 2.004, direcionou-se para as concepções morais que cada candidato encarnava, sendo o eleitor convocado a posicionar-se sobre valores sociais pertinentes ao âmbito da sexualidade. Moroni, candidatado do PFL, figura paradigmática da moral tradicional, chefe de família, pastor evangélico, policial, *versus* Luiziane, candidata do PT, mãe solteira, com uma militância destacada na defesa das minorias, reivindicando em especial, o respeito à liberdade de expressão de orientações sexuais diferentes dos padrões morais ortodoxos.

Pela primeira vez a questão da homossexualidade extravasou os limites subterrâneos das campanhas políticas (com documentos apócrifos, pichações, fofocas) para ganhar o palco da cena central, o horário de propaganda eleitoral na TV .

O ponto nevrálgico da polêmica foi suscitado pela inclusão do programa de governo de Luiziane (disponível no site da candidata na internet) de um item sobre " orientação sexual como conteúdo positivo sobre a homossexualidade" no currículo das escolas municipais. Noticiado no programa de Moroni o acontecimento ganhou dimensão de denúncia da " ameaça moral" representada pela candidata.

Neste texto pretendo desenvolver dois níveis complementares de análise: o primeiro sobre as estratégias desenvolvidas nos programas dos dois candidatos para produzir discursos sobre o tema da sexualidade que funcionassem como armas de ataque ou defesa em um combate travado em um campo político energizado pela disputa em torno de valores morais; o segundo sobre os processos de recepção acionados pelos destinatários (eleitores) na reelaboração dos sentidos que lhes eram oferecidos, para posicionar-se em relação aos personagens em confronto. Para tanto trabalharemos não apenas como os textos dos quadros dos programas TV dos dois candidatos em que a temática sexual polarizava as defesas e ataques mutuamente desfechados mas também com o material obtido em pesquisas de recepção realizadas em grupos com diferentes perfis sociais e

culturais em que os participantes foram estimulados a verbalizar interpretações e reações pessoais ao mesmo material de vídeo já citado que tinham acabado de assistir.

A exortação moral não abalou a rota de ascensão de Luiziane Lins registrada nas últimas pesquisas, vitória confirmada nas urnas com uma diferença percentual de votos expressiva sobre seu opositor: 56,21% contra 42,79 de Moroni.¹

Parafraseando Cancline, eu diria que *"as campanhas políticas servem para pensar"* aspectos importantes dos processos de permanências e mutações das representações sociais e valores morais que marcam a nossa cultura, que vão muito além da mera indicação de quem ganhou e quem perdeu. É esta trilha que pretendo percorrer, sem cair na armadilha de respostas simplificadoras para uma questão tão complexa: a vitória de Luiziane sinaliza para um enfraquecimento de preconceitos que marcam as representações sociais sobre o que é moralmente condenável na esfera da sexualidade? Afinal é possível admitir a ocorrência de uma revolução tão profunda dos padrões de moralidade dos fortalezenses? A minha hipótese é que sob a aparente evidência dos resultados eleitorais há muito mais a ser revelado.

2. O contexto de competitividade na campanha eleitoral pela prefeitura de Fortaleza em 2.004

Admito a hipótese de que as campanhas competitivas pressupõem a presença de determinadas pré-condições nos cenários políticos que as tornam não apenas possíveis, mas previsíveis. A primeira e principal é a fluidez que marca os cenários políticos de transição entre ciclos políticos. A um ciclo de não competitividade marcado pela hegemonia da imagem de um personagem, de um grupo político ou partido segue-se um processo de corrosão que pode ser lento ou ao acelerado. É nessas fases intermediárias de transição de cenários políticos que têm lugar experiências de campanhas eleitorais competitivas. Entre suas características se destacam: resultados inesperados; a emergência de personagens novos ou inovadores, que podem alterar enredos de campanhas admitidos como mais prováveis. Essas variações de humores políticos são obscuras, nem sempre conscientes e portanto instaladas no espectro do que não é "dizível" pelo eleitor. Conseqüentemente são

¹ Relatório do TRE sobre a votação dos candidatos a prefeito no 2º turno, em 2.004

difícilmente localizáveis pelos instrumentos usuais de pesquisa de opinião. Daí as surpresas, as chamadas "viradas", apropriadas pela mídia como "fenômenos eleitorais" ²

Fortaleza é pródiga em exemplos que fortalecem a hipótese mencionada. Em 1985, na 1ª eleição direta para a prefeitura de capitais no curso da transição democrática no Brasil, o candidato do PMDB Paes de Andrade, indicado nas pesquisas como franco favorito foi dragado pela "onda" Maria Luiza, candidata do PT e pioneira na conquista de um cargo executivo importante pelo então pequeno partido. A rápida corrosão da imagem da "gestão popular" da prefeita Maria Luiza implicou na manutenção do clima de instabilidade para a campanha eleitoral seguinte (1988) que foi também extremamente competitiva. Edson Silva, um radialista do PDT, em uma campanha com poucos recursos disputou a prefeitura voto a voto com Ciro Gomes, deputado estadual cuja candidatura foi apadrinhada pelo então governador Tasso Jereissati (eleito em memorável campanha em 1986 em que um confronto simbólico entre forças políticas nomeadas de modernas contra os coronéis). O confronto é vencido por Ciro Gomes com diferença tão ínfima de votos que o resultado foi posto sob suspeita pelos derrotados. Em 1990 o até então desconhecido vice-prefeito Juraci Magalhães alçado a prefeito pelo afastamento de Ciro constrói e fortalece a longo de sua gestão a imagem do "homem comum" que na política se orienta pelo mesmo senso pragmático na solução dos problemas cotidianos. Inicia-se sob a imagem marca de Juraci, aquele que "sabe fazer e faz" (slogan), um ciclo de campanhas não competitivas. Em 1992, o prefeito elege seu sucessor, um então desconhecido Antônio Cambraia, em campanha vencida sem que seu candidato em nenhum momento tenha sido ameaçado pelos concorrentes. Vale ressaltar que, destituído de uma imagem própria, Cambraia era um Juraci virtual "reeleito" pelo povo. A campanha seguinte, 1996, em que a regra de eleição em dois turnos já vigorava, Juraci Magalhães elege-se prefeito de Fortaleza sem surpresas já no 1º turno. Entretanto com a imagem arranhada por denúncias de corrupção, a campanha de reeleição de Juraci em 2000, assinala o retorno da competitividade nas disputas eleitorais na capital. Juraci reelege-se em 2º turno com uma pequena margem de diferença sobre seu concorrente, Inácio Arruda (PC do B) que encabeçava uma grande frente de esquerda

² Ver o texto da autora "Como se faz e desfaz um fenômeno eleitoral: o caso Roseana Sarney", in **Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil**. Hacker Editores. SP : 2004

(PCdoB/PT/PDT).³ Após quase vinte anos de lenta acumulação de forças a esquerda ⁴entra no páreo das disputas majoritárias como força política competitiva, não só na capital, mas também para o governo do Estado.⁵

O cenário da disputa pela prefeitura de Fortaleza em 2.004 apresentava condições favoráveis á competitividade que se revelavam desde a fase pré eleitoral.

Entre as indicações de que a perspectiva de competitividade era evidente para os atores políticos já na fase pré eleitoral destacamos:

1. O grande número de pré candidatos nos principais partidos que reivindicavam apresentar candidatos próprios postergando as alianças para um provável 2º turno. O PSDB tinha em fevereiro de 2.004 quatro nomes em plena campanha disputando indicação como candidato do partido: a deputada estadual Tânia Gurgel, o secretário estadual de Trabalho e Empreendedorismo Roberto Matoso, os deputados federais Antônio Cambraia e Bismark Maia. (O Povo, 3/2/03 " Pré-candidatos tucanos vão ao Pirambu ") Por outro lado a reedição da aliança do PPS de Ciro Gomes com o partido de Tasso(PSDB) suscitava conflitos de interesses. As especulações sobre a candidatura do Ministro Ciro Gomes, considerada a única fórmula consensual de manter a aliança entre os dois grupos políticos, foram alimentadas durante os meses que antecederam as convenções partidárias. O PMDB vivia a paradoxal situação em que o presidente do partido, deputado federal Eunício Oliveira, em franca rota de colisão com o grupo do prefeito Juraci Magalhães, fazia questão de abster-se da indicação do nome do candidato do partido deixando ao prefeito o ônus de uma quase certa derrota... Na esquerda a tese da candidatura "natural" de Inácio Arruda para prefeito com um vice indicado pelo PT já não era consenso. As perspectivas de vitória impulsionavam a tese de candidatura própria do PT, com nomes e declarações polêmicas de pré-candidatos circulando nos jornais locais:

³ Ver o texto da autora, "Política de Imagem e Competitividade Eleitoral : a disputa pela prefeitura de Fortaleza em 2.0000. **A Produção da Política em Campanhas Eleitorais - eleições municipais 2.000** . Ed. Pontes/ Programa de Pós Graduação em Sociologia UFC. Campinas SP 2.003

⁴ A imagem da Maria Luiza foi uma herança negativa que desestimulava o partido a lançar candidaturas própria em Fortaleza. Em 1996 e em 2.000, Inácio Arruda do PC do B foi o cabeça de chapa da aliança de esquerda.

⁵ Na campanha de 2.002 para o governo estadual , o candidato da frente de esquerda , o petista José Aírton, surpreende com sua chegada ao 2º turno e tendo ficado ao final a uma distância de apenas 3 pontos percentuais do vencedor, Lúcio Alcântara, candidato do PSDB indicado por Tasso Jereissati á sua sucessão.

" Eu sou pré-candidato e quero disputar a prefeitura de Fortaleza" (...) " Fui para o sacrifício quando ninguém queria " acrescentou, citando as duas vezes em que se disputou o governo do Estado pelo PT em 1998 e 2.002 (José Airton, Jornal O Povo)

Guimarães nega que exista um acordo prévio em torno do nome de Inácio Arruda e citou outras opções para a disputa como os nomes dos deputados Artur Bruno Luiziane Lins. (Jornal O Povo)

É na fase pré eleitoral que se desenha a crise interna ao PT entre a direção estadual (campo majoritário) e a direção municipal, ocupada pelas alas mais a esquerda do partido em torno da decisão de apoiar o candidato do PC do B, ou ter candidatura própria, que com a desistência de outros pretendentes foi persistentemente reivindicada pela deputada estadual Luiziane Lins. Os argumentos de que era indispensável manter a frente de esquerda que elegeu o presidente Lula, e que o candidato do PC do B, Inácio Arruda liderava as pesquisas de intenção de voto não foram suficientes para barrar no Encontro Municipal (15/2/2004) do partido a vitória da tese da candidatura própria. A confirmação em convenção do partido do nome de Luiziane Lins como candidata do PT não fizeram, entretanto cessar os conflitos que envolviam também a direção nacional do partido comprometida em reforçar o pacto eleitoral com o PC do B, que como veremos terão desdobramentos ao longo de toda a campanha no 1º turno.

2. A oscilação dos candidatos nas posições alcançadas nas pesquisas eleitorais permitia prever que algumas novidades poderiam acontecer, algo não dizível, submerso em camadas profundas que as sondagens não conseguiam captar ainda viria a tona... Inácio Arruda, inicialmente líder absoluto nas pesquisas, perde pontos enquanto crescem os índices do candidato do PSDB o ex-prefeito Cambraia, e do deputado estadual Moroni Torgan do PFL, que já fora candidato à prefeitura de Fortaleza em 2.000.

3. O desgaste do juracismo, mas também do tassismo e do governo Lula, enfim de todos os ícones do poder exercido nas esferas municipal, estadual e federal inviabilizava a força dos padrinhos de candidaturas na disputa de 2.004; quem poderia ter densidade ou brilho próprio para viabilizar-se como oposição, como candidato " independente" ? . A marca de independência de Luiziane face às diretrizes do governo Lula e do PT já fora firmada na votação da proposta da reforma previdenciária estadual: votou contra e foi ameaçada de

punição. Em declaração publicada em jornais locais o presidente nacional do PT, José Genoíno, desqualificava Luiziane como " alternativa aventureira" sem viabilidade política ou eleitoral (O Povo, 4/2/2004) A crença evangélica de que "os últimos serão os primeiros", sustentava a determinação de Luiziane e das tendências que lhe davam apoio, (Democracia Socialista, Tendência Marxista, e o Trabalho) de manter sua candidatura mesmo quando tudo parecia adverso: os prognósticos desfavoráveis às suas pretensões políticas indicadas pelas pesquisas e a pressão da direção estadual e nacional do PT por sua desistência.

A campanha no 1º turno confirma os prognósticos de competitividade:

Iniciada oficialmente em 7 de julho, a disputa pela prefeitura de Fortaleza contava com 11 candidatos. No 1º esquadrão os candidatos do partidos mais fortes : PC Do B, **Inácio Arruda** (Coligação "Nossa Fortaleza" PCdo B/PPS/PRTB/PTN/)) , PFL, **Moroni Torgan** (Coligação "Liberta Fortaleza" PFL/PTC/PAN) ; PSDB, **Antônio Cambraia** (Coligação "Experiência Comprovada", PSDB/PSDC/PTB /PSL/PRP)); PT, **Luiziane Lins** (Coligação "Fortaleza Amada" PT/PSB); PMDB **Aloísio Carvalho** (Coligação "Fortaleza Tempo Novo" PMDB/PRTB/PTN); PDT, **Heitor Ferrer**) No esquadrão dos pequenos partidos: **Francisco Caminha** (PHS) ; **Marcelo Silva** (PV); **Valdir Pereira** (PSTU); **Antônio Vidal** (PCO) e **Nielson Queiroz** (PSC)

A instabilidade das posições dos candidatos na liderança das pesquisas ficou evidente na divulgação da 1ª. pesquisa Datafolha/ O Povo realizada entre os dias 20 e 21 de julho. Inácio Arruda que se apresentava na fase pré-eleitoral como franco favorito começava a perder fôlego. Com 28% dos votos o candidato do PC do B é seguido de perto por Moroni Torgan com 23% ; Antônio Cambraia (PSDB) com 21%. No 2º esquadrão, a considerável distância, os candidatos que disputavam a 4ª. colocação: Luizianne Lins(PT) e Heitor Ferrer (PDT) aparecem como igual percentual, 3%; seguidos de Aloísio Carvalho do PMDB como 2% e Francisco Caminha(PHS) e Nielson Guimarães (PSC) ambos com 1% . Na pesquisa não estimulada Luiziane foi citada por menos de 1% dos entrevistados. Como dito na coluna Política esperava-se que Inácio fosse o único candidato a manter-se acima da faixa de 30% das intenções de voto. A pesquisa assinala o início da ascensão de Antônio Cambraia, que se confirma na pesquisa divulgada em 5 de setembro pelo jornal O Povo: Cambraia chega a 28%,

seguido de Moroni com 24% e Inácio com 23%. Analistas admitiam que Antônio Cambraia já teria assegurado uma das duas vagas no 2º turno: " a tendência hoje revela que o outro lugar está sendo disputado por dois postulantes, Inácio Arruda e Moroni Torgan. Um terceiro aspirante, a petista Luiziane Lins, acredita que possa entrar nesse jogo e surpreender os favoritos, conquistando o direito de ser a adversária de Cambraia." (O Povo , Coluna Menu Político). Nas simulações feita pelo IBOBE para o 2º turno Cambraia liderava : 46% a 43% contra Moroni.; 51% a 31% contra Inácio.

A pesquisa Datafolha/Povo, realizada em 23 de setembro assinala novidades: Cambraia 22%; Moroni 23%; Inácio 21%;Luiziane 14% .

" Mudanças na campanha: faltando uma semana para a eleição, Antônio Cambraia cai seis pontos e deixa o cenário político em Fortaleza mais indefinido do que nunca., com a menor diferença já apontada entre os 3 primeiros colocados. Moroni e Inácio também perderam pontos , enquanto Luizianne cresceu 6 pontos(pesquisa Datafolha/.23 de setembro de 2004).

O desempenho de Luiziane Lins nas pesquisas (Datafolha) é sempre ascendente: de 3% em 20/21 de julho; 8% em 31 de agosto a 1 de setembro; 14% em 23 de setembro. O de Inácio Arruda no mesmo período é sempre descendente: 28%; 23% e 21%. Cambraia oscila positivamente de 21% em julho para 28% em agosto, decrescendo em setembro para 23%. Moroni manteve nas três pesquisas pequenas oscilações: 23%; 24%; 21%. O quadro de incerteza repetia-se nas projeções para o segundo turno: todas as simulações envolvendo Antônio Cambraia, Inácio Arruda e Moroni projetavam empates técnicos. Vale ressaltar que apesar do acentuado crescimento de Luiziane ela não foi incluída nas simulações de 2º turno realizadas na pesquisa de 23 de setembro.

Somente na pesquisa do Instituto Datafolha, 29 de setembro, Luiziane é mencionada como presença possível no 2º turno: **Cambraia e Moroni tem 24%; Inácio 17% e Luizianne 15% .**(O Povo 30/9)

" Faltando quatro dias para a eleição, Antônio Cambraia e Moroni se isolam na liderança da disputa pela prefeitura de Fortaleza. Moroni cresceu 3 pontos e atingiu 24% das intenções de voto. Cambraia cresceu 2 pontos e está também com 24%; Na terceira colocação estão em empate técnico Inácio Arruda e Luizianne Lins, com respectivamente 17% e 15%. O candidato do PC do B caiu 4 pontos e a petista oscilou positivamente 1 ponto."

Classificada pelo colunista Fábio Campos como "A melhor disputa política de todos os tempos" :

"A disputa pela prefeitura de Fortaleza ganhou ares inusitados. Ao contrário do que a Coluna vinha avaliando , o quadro por inteiro, está absolutamente indefinido. Um emocionante empate entre Cambraia, Moroni e Inácio. Mostrando muito fôlego na reta final, Luiziane Lins, A petista começa a pisar nos calcanhares dos concorrentes que estão à sua frente. (...)

" estigmatizada pelos dirigentes de seu partido, Luiziane Lins é o fator novo apontado pelo Datafolha. Na reta final chega a impressionar o desempenho da candidata. Ela cresce em todos os segmentos pesquisados . Não há más notícias para a candidata." (Coluna Política, 30/9/04)

As urnas confirmaram em 3 de outubro a presença de Moroni e Luiziane no 2º turno: Moroni 26, 60% e Luiziane 22,30% . O 3º colocado Inácio Arruda obteve 19,23% dos votos e Cambraia em 4º lugar ficou com 18%. Vale ressaltar que a diferença percentual de votos entre o 1º e o 4º colocado foi de aproximadamente 8 pontos, em termos absolutos 95.656 votos.

1º turno : estratégias eleitorais e embates entre candidatos competitivos

Em uma campanha eleitoral competitiva a decisão sobre posicionamentos estratégicos dos candidatos é uma tarefa muito complexa. A indefinição e fluidez nas posições dos concorrentes, assim como a dinâmica peculiar ao campo político, dificulta a escolha de armas e alvos, e com frequência conduz a equívocos que nem sempre podem ser detectados ou evitados, situando as decisões na perigosa faixa do não controlável, mesmo pelos mais credenciados especialistas em marketing eleitoral.

Foi o que aconteceu na campanha pela prefeitura de Fortaleza no 1º turno com alguns candidatos. Inácio Arruda que encabeçando a frente de esquerda em 2000 chegou ao 2º turno tendo perdido para o prefeito reeleito por uma ínfima diferença de votos (3%) encontra em 2004 uma situação desfavorável para posicionar a sua imagem. Sua liderança na fase pré-eleitoral mascarava as dificuldades que iria enfrentar e que o tornaram no decorrer do 1º turno o alvo preferencial nos ataques de outros candidatos. A consistência da sua imagem de político de esquerda, " homem das lutas do povo", firmada em sua presença nos movimentos populares (movimentos de Bairros e favelas, movimento estudantil e associações e sindicatos de funcionários públicos) se esgarçava face aos percalços de sua atuação como parlamentar da base de apoio ao Governo Lula, votando a favor de em projetos impopulares contra os quais a esquerda sempre se insurgira: o voto no projeto de Reforma da Previdência emblemático na taxação dos inativos e em um valor de salário mínimo de valor inferior ao propugnado pelos partidos opositores (

PSDB e PFL) Outro fator complicador oriundo do campo político: sua primeira batalha tinha que ser travada no interior da própria esquerda. Quem realmente a representava? Quem podia falar legitimamente em seu nome? Inácio Arruda disputava com Luiziane Lins o mesmo "lugar de fala" com a desvantagem de carregar o peso das contradições advindas do exercício do mandato de deputado federal do mais fiel partido da base de apoio do governo Lula (PC do B), mesmo quando isso implicava em contrapor-se a algumas das mais caras bandeiras libertárias da esquerda. A indicação de Luiziane como candidata do PT não fizera cessar a batalha dos que defendiam que o partido apoiasse o candidato do PCdoB, que se manteve sob os holofotes da mídia durante todo o 1º turno, como ilustrado nas manchetes do jornal o POVO:

"Grupo Petista Já Prepara a Oficialização de Apoio a Inácio" (1/9); Dirigentes boicotaram Luiziane e iniciam campanha Pró-Inácio (2/9); "Candidata prepara contra ataque" (2/9); Luiziane cobra igualdades de condições(3/9); " Liminar proíbe vincular campanha de Inácio ao PT" (10/9); Movimento Pró Inácio se mantém."(11/9); " Luiziane pressionada" (11/9) ; Luiziane continua a disputa em Fortaleza" (15/9); " Luiziane: " Genoíno não tem moral para me cobrar" (15/9).; " Genoíno acusa Luiziane de não defender o governo Lula" (1/10)

Nessa batalha delineava-se para o eleitor a imagem de dois PTs, o da direção partidária nacional e estadual, impuro, contaminado pelos interesses do poder governamental, e o PT inocente, fiel aos ideários políticos de sua origem na classe trabalhadora. Evidentemente que Inácio não auferia ganhos simbólicos nesta batalha. Em contrapartida a imagem da Luiziane Guerreira era reforçada. Ela, e somente ela, podia reivindicar e ser reconhecida como herdeira das bandeiras políticas " enterradas" da esquerda. Entre os eventos que marcaram este confronto destacam-se: a presença de José Dirceu, presidente nacional do PT no lançamento do movimento " Sou PT voto Inácio", que lançou manifesto de apoio a Inácio e pretendia montar uma estrutura de campanha com recursos do PT nacional (3 de setembro) ; e o showmício (9 de setembro) do Inácio Arruda com a dupla sertaneja Zezé de Camargo e Luciano, financiado pelo PT .⁶

O confronto explícito e inusitado da direção nacional e estadual do PT á candidatura própria do partido justificava a reação indignada. A entrevista coletiva de

Luizianne à imprensa em 2 de setembro realizada na sede do comitê central de campanha com a presença de militantes converte-se em evento que alavanca sua campanha que naquele momento alcançava nas pesquisas, apenas 7% das intenções de voto. Sua afirmação performática teve o condão de fazer acontecer o dito: *"Significa que o jogo está começando agora"* O slogan da campanha de Luiziane "Fortaleza Amada", evidenciava o tom intimista da campanha. Na avaliação do publicitário Fernando Costa, Luiziane mobilizou na população sentimentos análogos aos que em 1985 levaram Maria Luzia Fontenelle à prefeitura de Fortaleza: *"Penso que ela Luiziane, foi abalizada pela campanha da Maria Luiza, até pela questão histórica dos vinte anos. Estava se fechando um ciclo histórico, e ela por ser mulher, essa coisa de incorporar um espírito obstinado, uma menina lutando, que sai da periferia da Maraponga e passa pela Universidade (...) Ela achava que poderia fazer o que a Maria Luiza fez do ponto de vista eleitoral"*

Por outro lado Luiziane foi no 1º turno poupada de ataques dos candidatos que lideravam as pesquisas, exatamente por ser considerada uma candidata que não oferecia perigo, sem chances chegar ao 2º turno. Podia assim manter uma campanha mais propositiva que avalizava os vínculos amorosos reivindicados com a cidade.

Antônio Cambraia, candidato do PSDB, surpreendeu ao liderar as pesquisas por quase toda a campanha no 1º turno, sendo considerado presença certa no 2º turno. As reviravoltas da última semana da campanha foram fatais para ele resultando em uma inesperada 4ª colocação. A aposta do PSDB em Cambraia caucionou-se na avaliação positiva, constatada em pesquisas, de sua gestão como prefeito de Fortaleza (1993-1997). A dificuldade a vencer era isolar a imagem de Cambraia daquele que o criara à sua imagem e semelhança, Juraci Magalhães. E isso foi de um certo modo conseguido com a ênfase ao seu perfil de técnico, economista e administrador, de fala mansa e impessoal, que agregava para si o que fizera o sucesso da marca Juraci: o saber fazer. O *slogan* de sua campanha "Experiência Comprovada" realçava o seu passado de bom gestor. Cambraia era uma espécie de Juraci depurado das máculas das acusações de corrupção e desvio de verbas públicas que envolviam o prefeito e seu genro, deputado Sérgio Benevides que enfrentava justo naquele momento um processo de cassação de seu mandato de deputado

⁶ A Justiça Eleitoral entretanto proibiu o uso de recursos financeiros e de símbolos do PT na campanha de Inácio Arruda (PC do B)

estadual ⁷ Para um candidato asséptico, um vice de perfil vibrante, que poderia competir com o personagem encarnado por Moroni: o delegado Cavalcante. Na reta final da disputa em 20 de setembro o delegado Cavalcante é acusado por Inácio de participação no rumoroso " Caso França" que no governo Tasso envolvera denúncias de corrupção na Polícia Civil. Em uma chapa de " duas cabeças" em que o vice tinha visibilidade maior que o titular, o tiro desfechado abala a posição de Cambraia. O "padrinho" Tasso até então mantido à distância é trazido a luz carregando para o candidato do PSDB o sentimento anticambeba difuso na cidade.

O deputado federal Moroni Torgan, candidato do PFL, que já se candidatara a prefeitura em 2.000, em 2.004 interpretava o mesmo personagem do " homem da lei" caucionado em seu passado como delegado federal e ex secretário de segurança estadual. O seu capital simbólico acumulado ao longo de três mandatos como deputado federal lhe rende dividendos na campanha de 2.004 . O slogan "Liberta Fortaleza" , sugere a autonomia do candidato face ao Tassismo, ao Juracismo e também ao governo Lula. Por outro lado ao tema da segurança pública, o combate à violência que sempre foi central em suas campanhas, agrega-se um outro, o combate a corrupção: " *Libertar Fortaleza do desperdício e da corrupção*" . A consistência do personagem, a linguagem enfática que o aproxima das massas desvalidas sensibilizadas pela exibição vigorosa de força que acena com a bandeira da ordem , da proteção aos mais fracos, garantiu a Moroni posicionar-se entre os favoritos no decorrer da campanha do 1º turno. Candidato que apresentou menores variações nos percentuais de intenções de votos mensurados nas pesquisas, Moroni foi o mais votado no 1º turno. A chegada de Luizianne ao 2º turno foi a novidade não captada pelas pesquisas. Se no primeiro turno o seu confronto principal foi com Inácio na disputa pelo capital simbólico da esquerda, o segundo turno conduzirá o embate para um outro espaço, o das concepções morais conservadoras e liberais, encarnadas por Moroni e Luizianne e que serão objeto de análise nos tópicos seguintes deste texto.

3. Representações sociais e política

Ibanez (1988) ressalta a distinção entre "representações coletivas", e "representações sociais": as primeiras compõem o material cultural mais profundo de uma

⁷ A acusação de maior impacto era o de desvio de recursos da merenda escolar. Absolvido em um primeiro e polêmico julgamento na Assembleia Legislativa, foi condenado e perde o mandato em um segundo julgamento que ocorre ainda na quadra eleitoral de 2.004

sociedade, acumulado ao longo da história como parte da memória e identidade sociais; as segundas, mais fluídas, ajustam-se às solicitações e interesses postos em situações imediatas no jogo de ações e reações interpessoais.

As representações sociais têm um caráter prático, são formas de conhecimento que comportam a intervenção de valores e códigos seletivos na "apreensão" dos contextos situacionais nos quais os indivíduos agem e reagem.

A dimensão cognitiva das representações não pode ser desvinculada da dimensão pragmática, ou seja, de "fazer acontecer" o que é representado, de funcionar como mapa na dupla função de demarcar a direção das ações dos homens e abrir-se à interpretação ou "leitura" dos rumos tomados. Para Moscovici, é a atitude que focaliza a orientação global em relação ao objeto da representação social, o que o conduz a concluir que "as pessoas se informam e representam alguma coisa somente depois de terem tomado uma posição e em função da posição tomada" (Moscovici, 1976:72)

Embora reconheça a gênese social de todas as representações, (que pressupõe a partilha de um arquivo de signos que tornem possível a comunicação/recepção de significados) o termo "representações sociais" é proposto por Moscovici para especificar as representações do "senso comum", que orientam as interações dos homens ordinários integrando-os à "realidade" da vida cotidiana.

"Por representações sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso das comunicações interpessoais. (...) tanto a gênese social das representações quanto o fato de elas serem socialmente compartilhadas não seriam suficientes para distingui-las de outros sistemas de pensamento coletivo, como a ciência e a ideologia. O termo representação social deveria ser reservado para aquela modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos" (Moscovici, p 43)

A análise da vida social como "encenação" de imagens do "eu" que os atores sociais se oferecem mutuamente, é um outro caminho interessante proposto pela vertente do interacionismo simbólico⁸ para entender como funcionam as relações sociais mediadas por um denso processo de interpretação do que é "representado." Os próprios atos são

⁸ A corrente teórica do interacionismo simbólico, tributária da filosofia da social pramática, inclui entre outros, os nomes de Herbert Blumer, William Isaac Thomas, Erving Goffman, Ralph Turner.

sinalizações de intenções, de juízos, de sentimentos que funcionam como "textos" cujos sinais devem ser decifrados pelos destinatários, não sem os riscos que a encenação como jogo de imposição de sentidos implica. A análise proposta tem a vantagem de conjugar os níveis da subjetividade e objetividade das "representações": são os sujeitos que "jogam" com os sentidos, mas recorrendo ao estoque de sinais expressivos disponíveis no arquivo ou memória social que viabilizam a intersubjetividade. Ressalta-se portanto que as interações sociais são mediadas por "imagens" que comportam um trabalho de investimento nas "aparências" para que os "efeitos de sentido" pretendidos se confirmem ao serem "reconhecidos". O conceito de "papel" ao pressupor uma relativa "externalidade" de um "texto" face aquele que o representa, introduz a discussão de duas questões: a) a distinção possível entre o que se quer mostrar e o que se é, contida no termo *persona*, cujo sentido original no grego é "máscara"; b) o controle das aparências (manipulação?) como elemento básico das relações de poder, definidas, como o faz Weber, pela imposição de uma vontade com base nos recursos de que dispõe para influenciar o curso da ação de outras pessoas.

Erving Goffman distingue duas situações extremas: a) o ator sincero, ou seja, convencido de que a impressão de realidade que encena é verdadeira, b) o ator cínico, que não crê em sua própria representação. Em situações concretas entretanto é sempre uma tarefa complicada decidir sobre os graus de adesão sincera de um ator ao seu próprio papel, ou sobre o "realismo" ou artifícios que a encenação comporta. Do que não se pode escapar porém é da própria encenação em si: "Uma condição, uma posição ou lugar social não são coisas materiais que são possuídas e, em seguida exibidas; são um modelo de conduta apropriada, coerente, adequada e bem articulado. Representado com falta de jeito, com consciência ou não, com malícia ou boa fé, nem por isso deixa de ser algo que deva ser encenado e retratado e que precise ser realizado." (Goffman, 1985:p. 74)

As imbricações entre representações e práticas políticas se revelam no exame da eficácia (ou ineficácia) da promessa como elemento nuclear do discurso político: por um lado a promessa supõe o empenhamento daquele que promete com uma ação futura, e por outro solicita a crença de que aquele que promete pode fazer acontecer o que anuncia. A imagem do político depende assim da fé que suscita nos destinatários de que "dizer é fazer", crédito volátil que terá que cuidadosamente protegido em atos que confirmem as

esperanças suscitadas.

3.1. Representações da Política e campo político: implicações da mediação da esfera pública

Bourdieu (O Poder Simbólico, 1989) utiliza o conceito de campo político para reportar-se ao "espaço" onde atores sociais e institucionais disputam o controle dos meios para produzir e difundir representações do mundo social que sejam reconhecidas com "legítimas". O campo político exerceria assim um efeito de controle sobre o universo dos discursos políticos na medida em que determinaria as fronteiras do que é politicamente dizível ou indizível, pensável ou impensável pelos profanos ou homens comuns:

"Dado que os produtos oferecidos pelo campo político são instrumentos de percepção e de expressão do mundo social (se assim quisermos princípios de divisão) a distribuição das opiniões em uma dada população determinada depende do estado dos instrumentos de percepção e de expressão disponíveis e do acesso que os diferentes grupos têm a esses instrumentos" (Bourdieu, 1989, p. 164)

Para Bourdieu a análise política deve assentar-se na divisão do trabalho político que separa os agentes politicamente ativos (profissionais) dos politicamente passivos.(profanos) Os primeiros, participam do campo político como produtores de representações da política, função exercida graças ao "capital político" de que são detentores; os segundos, despossuídos econômica e culturalmente estariam reduzidos à condição de consumidores de "produtos" que lhe são oferecidos.

O capital político compreende saberes e práticas incorporados como "habitus" que qualificam os profissionais para a participação na luta política em sua dimensão simbólica, ou seja, de imposição de sentidos sobre a realidade que são oferecidos para consumo dos profanos.

Subjacente à hipótese de Bourdieu de uma homologia entre os campos econômico, cultural e político está a questão das classes sociais, das posições de apossamento e desapossamento que as distinguem: "a concentração do capital político nas mãos de um pequeno grupo é tanto menos contrariada, e portanto tanto mais provável, quanto mais desapossados de instrumentos materiais e culturais necessários à participação ativa na

política estão os simples aderentes sobretudo, o tempo livre e o capital cultural. (Bourdieu, 1989, p. 164)

Há assim no autor uma visão pessimista sobre as possibilidades dos "homens comuns" de escaparem ao controle que os profissionais exercem sobre as formas legítimas de representações da política que são em última instância representações sobre o mundo social:

"O mercado da política é sem dúvida um dos menos livres que existem. (..) Os constrangimentos de mercado pesam em primeiro lugar sobre os membros das classes dominadas que não têm outra escolha a não ser a demissão ou a entrega de si ao partido que deve produzir a continuidade da representação da classe , sempre ameaçada de cair na descontinuidade da existência atomizada (com o recolhimento a vida privada e a procura de vias de salvação individual) ou na particularidade das lutas estritamente reivindicativas (Bourdieu, 1989, p. 166-167)

O campo político comportaria uma dupla dinâmica: a) lutas intra ou inter associações (de modo especial partidos e associações políticas) em que se envolvem os políticos profissionais que disputam posições na hierarquia das máquinas políticas ; b) lutas voltadas para o exterior, ou seja de *"elaboração e difusão de uma representação do mundo social capaz de obter a adesão do maior número possível de cidadãos e de assegurar portanto postos que lhes assegurem um poder sobre os seus atributários"* (Bourdieu, 1989, p. 164)

Esta duplicidade, imposta pelas regras da democracia eleitoral, se traduziria em uma tensão permanente entre o *esoterismo* e o *exoterismo* das representações da política: as primeiras para consumo dos especialistas, e as segundas, dos profanos.

O esoterismo, de um certo modo explicaria as atitudes predominantes de "apoliticismo" dos homens ordinários alheios aos temas e discursos dos iniciados, e que tanto incômodo traz à própria validação das regras do jogo político. (O desinteresse expresso nos altos índices de abstenção eleitoral mesmo quando o voto é obrigatório é sempre mencionado como declínio da vitalidade da própria política) Daí o esforço cada vez maior dos profissionais da política em fortalecer suas posições no campo político ao se apresentarem como "porta vozes" dos seus mandatários tornando os seus discursos e representações do mundo social assimiláveis pelos destinatários através de processos de

identificação e/ou projeção.

"A simples corrente de idéias não se torna um movimento político senão quando as idéias propostas são reconhecidas no exterior do círculo de profissionais . (...) Assim as tendências para a cisão sectária acham-se contrabalançadas de modo contínuo pelas necessidades da concorrência que levam os profissionais, para triunfarem nas suas lutas internas, a ter que fazer apelo a forças que nem sempre são totalmente internas" (Bourdieu, 1989, p. 183)

A análise desenvolvida por Bourdieu me parece insuficiente por enfatizar apenas as representações da política produzidas a partir do "campo político" e que, mesmo quando reconhecidamente orientadas para os eleitores, a eles reserva a condição de meros consumidores.

É inquestionável que a representação da política nas democracias contemporâneas se faz predominantemente na, e através da, comunicação midiática. No entanto as pesquisas empíricas e reflexões teóricas sobre este fenômeno são ainda insuficientes e não conclusivas .

Os mídia multiplicam os "lugares de fala" sobre a política e neste processo os "políticos profissionais" atuam cada vez menos como "sujeitos falantes" e cada vez mais como "sujeitos falados".

A representação midiática da política reforçaria assim a tendência de alargamento da dimensão exotérica. Orientada para fora dos círculos dos políticos profissionais, voltada prioritariamente para a sedução dos homens comuns, as representações da política devem assimilar suas preocupações cotidianas, buscar o tom e as palavras certas para produzir o efeito espelho, ou seja, oferecer aos quem nele se olham o "reflexo" de seus próprios desejos, de sua própria imagem. Estreitam-se assim as imbricações entre as representações da política e as representações sociais.

3.2. Representações morais e luta política: Os discursos herético e ortodoxo

As representações morais se constituem o núcleo mais sedimentado do conhecimento que os agentes sociais detêm sobre o mundo social, e portanto as mais tenazmente resistentes às mudanças. Elas se circunscrevem a esfera profunda das

classificações identitárias através das quais reconhecemos o que somos, o que os outros são para nós, ou ainda o que queremos ser para os outros e o que deles esperamos, delimitando as fronteiras sociais da honra e da desonra, do mérito e do demérito, do louvor ou da condenação. Sua força se assenta exatamente nas "evidências" que as naturalizam, e que como assinala Bourdieu, " implica o desconhecimento do arbitrário dos seus fundamentos."

" Sabemos com efeito que a ordem social deve sua permanência, por um lado, ao fato de impor esquemas de classificação que estando ajustado às classificações objetivas, produzem uma forma de reconhecimento dessa ordem , que implica o desconhecimento do arbitrário dos seus fundamentos" (Bourdieu, 1982)

As representações de gênero, as pertinentes ao âmbito da sexualidade que envolvem a nomeação do que é ou não normal, do permitido e do proibido, dos comportamentos qualificados ou desqualificados, são por excelência matéria das representações morais vigentes em determinados contextos sócio históricos. Elas serão portanto o material de análise privilegiado neste texto.

Como as representações morais se inscrevem nas lutas políticas? Seguindo a eloqüente regra de silenciamento aplicado ao que é " indizível"? Por deslizamentos nas formas de dizer, de esconder e mostrar, presentes na arquitetura dos discursos políticos dizíveis? São questionamentos que atravessam a análise a ser desenvolvida.

A definição de ação política proposta por Bourdieu ressalta que o seu âmbito é, modo especial, o das representações sociais. Admite-se que a possibilidade de atuar sobre o mundo social, para conservá-lo ou transformá-lo, é sempre mediada por uma intervenção sobre os esquemas de conhecimento ou de percepção do mundo social detidos pelos "homens ordinários" :

" A ação propriamente política é possível porque os agentes, que fazem parte do mundo social , têm um conhecimento (mais ou menos adequado) desse mundo e porque se pode agir sobre o mundo social agindo sobre o conhecimento que eles têm desse mundo. Essa ação visa produzir e impor representações (mentais, verbais, gráficas ou teatrais) do mundo social, capazes de agir sobre esse mundo ao mesmo tempo que agem sobre a representação que dele fazem os seus agentes " (Bourdieu, 1982: p 135)

Em síntese, a "realidade do mundo social e econômico" não é exterior e independente do conhecimento que dele têm os agentes que o habitam. As representações sociais são constitutivas da realidade através do que Bourdieu nomeia como "efeito de conhecimento".

"Objeto de conhecimento para os agentes que o habitam, o mundo econômico e social exerce uma ação que assume a forma, não de determinação mecânica, mas de um efeito de conhecimento"

Neste sentido a luta política teria início com *"a denúncia do contrato tácito de adesão à ordem estabelecida que a doxa originária define; por outras palavras, a subversão política pressupõe uma subversão cognitiva, uma conversão da visão do mundo"* (Bourdieu. 1982: p 136). Isto porque não há descrições inocentes do mundo social, elas implicam inerentemente prescrições, avaliações, confirmações ou denúncias. Bourdieu consolida sua tese exemplificando: a percepção da realidade de práticas sociais como o alcoolismo, o aborto, o homossexualismo, a eutanásia varia em função da forma como é encarada e pensada: tara hereditária, degradação moral, exercício de uma escolha individual, tradição cultural ou conduta de compensação?

Considerando o pressuposto de que as categorias com as quais um grupo se pensa e segundo as quais ele representa para si sua realidade contribuem para a realidade desse grupo, as lutas políticas implicam confrontos entre discursos ortodoxos e heréticos. A ação política, segundo Bourdieu aponta para a perspectiva de "subversão herética" que *"explora a possibilidade de mudar o mundo social mudando a representação desse mundo que contribui para sua realidade ou, mais precisamente, opondo uma (pré) visão paradoxal, utopia, projeto, programa, à visão comum, que apreende o mundo social como mundo natural: enunciado performativo, a pré-visão política, é em si, uma predição que visa fazer acontecer aquilo que enuncia; contribui, de forma prática, para a realidade do que anuncia pelo fato de o enunciar, de o prever e de o fazer pre-ver, de o tornar concebível e, sobretudo crível e de criar, assim a representação e a vontade coletiva que contribuem para a produzir"* (Bourdieu, 1.982 p136)

O "discurso ortodoxo" se caracteriza *"por uma retórica da imparcialidade, marcada pelos efeitos de simetria, de equilíbrio, de meio termo, e sustentada por um ethos das conveniências e da decência, atestado pelo evitar das formas mais violentas da*

polêmica, pela descrição, pelo respeito reivindicado pelo adversário, em suma, por tudo aquilo que manifesta a denegação da luta política enquanto luta. " (Bourdieu, 1984: p 141)

O "discurso herético" é o que se contrapõe à ortodoxia, ou seja, ao senso de realidade socialmente dominante, que não apenas "professa publicamente a ruptura como a ordem comum" mas produz um novo "sentido comum" buscando investi-lo da legitimidade que a manifestação pública e o reconhecimento coletivo conferem à práticas e experiências até então tácitas ou reprimidas.

Quais as condições de possibilidades e as condições de eficácia política de discursos políticos heréticos, de modo especial quando o contexto da enunciação é o uma campanha eleitoral em que se acirram os riscos de ousar falar o "inominável" escandalizando aqueles que se pretende conquistar, os eleitores?

Para Bourdieu a eficácia do discurso herético reside, não na magia de uma força imanente à linguagem, (força ilocutória como pretende Austin,) ou no carisma pessoal do seu autor, como sugere Weber, mas "na dialética entre a linguagem autorizada e autorizadora, as disposições do grupo que autoriza e, assim, se autoriza."

Em síntese, admite que a eficácia do discurso herético reside na sua capacidade de objetivar em palavras disposições pré verbais e pré reflexivas já existentes nos grupos sociais que se endereçam e que lhe conferem um reconhecimento capaz de "desacreditar as evidências da doxa", forçar as censuras, institucionalizadas ou interiorizadas".

4. Confronto Luiziane Moroni no 2º turno: representações morais e estratégias discursivas

Ser vencedor no 1º turno não implicava para o candidato do PFL em favoritismo no 2º turno. O que se esperava, ao contrário, era uma inversão de posições, como indicado nos depoimentos de publicitários abaixo transcritos:

" No 2º turno estava mais calmo. Se Luiziane tinha certeza que ia para o 2º turno, eu tinha certeza que se ela fosse iria ganhar sem dúvidas. Tinha certeza porque você tem que analisar a trajetória de curva dos candidatos. A curva você não tem como quebrar. Moroni foi para o 2º turno devido sua estabilidade nas pesquisas, os outros tinham aquela

variação. Luiziane estava sempre para cima, cria um impulso como um foguete" (Humberto Farias, publicitário da campanha de Luiziane Lins) ⁹

"A Luiziane entrou vencedora no 2º turno e o Moroni derrotado, e os dois lados sabiam disso" (Fernando Costa, publicitário)

Tal expectativa explica a estratégia assumida pela condução da campanha de Moroni. O pacto de não agressão firmado na justiça eleitoral entre os candidatos foi quebrado na primeira semana do programa eleitoral do 2º turno na TV. Destruir a imagem positiva de Luizianne era a palavra de ordem. A linha mestra do confronto situava-se no campo das representações morais: o "Moroni Xerife" cede espaço para o "Moroni Pai de Família", o "Moroni Pastor". É deste "lugar de fala", o da ortodoxia moral, que ganha sentido a exortação aos perigos das transgressões encarnadas na personagem que é colocada no polo oposto, o da heterodoxia moral.

Da trajetória pessoal e política de Luiziane foram pinçados elementos que confirmavam sua heterodoxia: em seus mandatos como vereadora e deputada estadual destacou-se na defesa dos direitos das mulheres e das minorias sexuais; no âmbito pessoal, a condição de mãe de um filho fruto de "um relacionamento" com ex deputado Sérgio Novaes, contrariava os padrões da moralidade familiar convencional.

No primeiro programa Moroni, o "Cidadão Pai de Família" é apresentado aos eleitores. O cenário é a sala de estar de seu apartamento, o local da vida privada que se abre para que os tesouros da vida familiar sejam mostrados. Os interlocutores privilegiados que caucionam a imagem do pai de família são a esposa, os dois filhos e o velho pai.

*Voz off : - Agora você vai conhecer o cidadão, o **Moroni pai de família**.*

Moroni, sentado em um sofá, ladeado pela esposa, dois filhos e o pai :

*- Hoje estamos no nosso apartamento, aqui eu **guardo meu maior tesouro**, minha esposa Rosa Cristina, que **sou casado a vinte quatro anos**, meu filho Jared, meu filho Mosias, os dois nasceram no hospital geral de Fortaleza, inclusive vocês verão fotos quando eles*

⁹ Entrevista realizada por Marcos Edson Matos Cavalcante, inserida como anexo em sua monografia de bacharelado em Comunicação Social " O uso das pesquisas eleitorais dentro do HGPE televisivo nas eleições municipais para a prefeitura de Fortaleza em 2.004", defendida no Departamento de Comunicação Social - UFC em julho de 2.004

nasceram. Quero dizer que essa família é que me dá o equilíbrio, equilíbrio para enfrentar os desafios da vida, equilíbrio para todas as minhas atividades, toda força que eu preciso começa na família.

Esposa:

- Ele é um pai assim bem presente, nos momentos, nos namoros, nas atividades escolares, em dúvidas que os meninos tenham, ele é uma pessoa, como eu posso dizer assim.. bem participativa, bem ativa no nosso lar

Filho 1:

- Sempre que eu tenho dúvidas em qualquer matéria ele sempre me ajudou, ele sabe ainda muita coisa do colégio, do tempo dele.

Filho 2:

- Meu pai ele brinca muito, eu acho que eu peguei assim esse jeito dele...

Pai :

- Ele foi criado como independência desde pequeno, nós ensinamos aos nossos filhos a auto administração de suas vidas, tanto é que com poucos anos ele tinha já a chave da casa, podia ir e voltar a hora que quisesse

Moroni:

*- Veja a importância de laços familiares na nossa vida, o exemplo do meu pai, e da minha mãe, foram muito importantes para mim. Eles casaram muito pobres (...) moravam num quartinho. Esse exemplo de vida, de progresso, porque souberam superar todos esses obstáculos e progredir, ficou para minha vida, e esse mesmo exemplo eu quero passar para os meus filhos. Eu acredito que nós podemos superar muitos problemas, a vida é um enfrentamento constante de problemas, e juntos conseguimos superá-los com muito mais facilidade. **É na família que encontramos o alicerce da cidade.** (...)*

Declarações dadas para confirmar ou negar apoio a Moroni situam-se no âmbito das representações morais e invocam legitimidade religiosa.

A manchete do jornal Diário do Nordeste de 12 de outubro é sugestiva: "**Evangélico é contra o apoio aos homossexuais**" A declaração de apoio referida é do candidato a prefeito derrotado no 1º turno Nielson Queiroz (PSC), missionário da Igreja Batista Penniel:

" Ele procurou os jornalistas na Assembléia Legislativa para declarar que não apoiará a candidata petista porque algumas de suas proposições ferem os princípios cristãos. Referiu-se especificamente às páginas 64 e 65 do programa de Luizianne Lins que tratam da promoção da " livre expressão sexual" que teriam sido incorporadas após sugestão de uma associação defensora da diversidade sexual, o grupo Resistência Asa Branca. Nielson afirmou ter telefonado para esse grupo e obtido a informação de que a candidata do PT fora a única dos 11 prefeituráveis no 1º turno a incorporar tais propostas "

As contestações públicas vindas de aliados de Luizianne Lins rebatiam as críticas com argumentos também fundados na moral religiosa:

"Qualquer atividade de preconceito é anti-cristã. Jesus Cristo tinha seus posicionamentos, mas ele não discriminava ninguém e se colocava ao lado dos excluídos " (Durval Ferraz, vereador do PT, ligado a movimentos religiosos da Igreja Católica)

Na primeira semana do Horário Gratuito Político Eleitoral (HGPE) na TV, foi ao ar o " quadro" que desencadeou a polêmica moral que se estendeu até o final do 2º turno. (reeditado como spot que ia ao ar nos intervalos comerciais)

A estratégia enunciativa para abordar o tema, foi o da encenação de uma "conversa" de uma mãe preocupada com a formação moral de seus filhos direcionada para uma outra mãe (destinatário idealizado) para partilhar com ela os seus temores.

Em uma cadeira de balanço (índice do ambiente doméstico) a personagem mãe, com um jornal nas mãos, e no rosto uma expressão de mofa, supostamente provocada pelo absurdo do que acabara de ler:

- Eu estou lendo aqui no jornal o Globo do Rio de Janeiro, uma notícia da candidata do PT que me deixou muito preocupada. Diz aqui no jornal que se ela virar prefeita as crianças das escolas públicas municipais de Fortaleza vão ter aula de educação sexual positiva sobre homossexualismo. Olha, eu não tenho nada contra os homossexuais, só não sei se quero que meu filho de sete anos fique discutindo esse assunto .

A câmara foca a página do jornal com a manchete do jornal o Globo, " Plataforma gay de Luizianne, "¹⁰ apresentada ao destinatário a "prova documental" do que é dito. O meio sorriso irônico, contrasta com o sentimento de preocupação verbalizado.

¹⁰ Vale ressaltar que a matéria publicada no jornal o Globo do Rio de Janeiro em 12/10/2004, era assinada pela jornalista cearense Isabella Martin, profissional ligada a assessoria política do deputado federal Sérgio Machado, dissidente do grupo de Tasso Jereissati que apoiava informalmente a candidatura de Moroni

Há um "deslizamento" peculiar à abordagem dos temas mal (ditos) : transfere-se para um personagem cênico (e portanto da esfera da ficção) a tarefa de denunciar uma posição moralmente insustentável atribuída à oponente de Moroni. Ou seja, insinua-se que há algo escondido, teses assumidas por Luiziane consideradas perigosas, e portanto que a candidata manteria em circuitos mais restritos de publicização (página na internet) que sob a forma de denúncia são trazidas aos espaços mais populares de veiculação da campanha, TV e rádio.

A estratégia de contra ataque explorou exatamente esse "deslizamento", para a partir dele, produzir um segundo deslizamento que contornava um debate mais direto e substancial sobre a temática da sexualidade.

O quadro foi classificado como uma farsa, e o que atestava a farsa era a identidade de quem a interpretava: ela não era uma mãe real, pessoa do mundo real, mas uma atriz usada para esconder a face do agressor. Ou seja, a forma, a dramatização cênica desqualificava o conteúdo do que era dito como "verdade". A permeabilidade das fronteiras entre ficção e realidade implicada na natureza da dramaturgia política midiática é exposta em seus paradoxos: Quem fala? Uma mãe real? Ou um personagem inventado e com sentimentos de preocupação também fictícios? O movimento de contra ataque foi assim o de desmontar a farsa de uma dramatização evidenciando a não correspondência entre intérprete e o papel. A "investigação" denunciava que ela não era o que dizia ser, uma mãe de uma criança em idade escolar. Entrar nos bastidores, olhar atrás das cortinas, foi o convite feito ao telespectador:

Apresentador:

- Veja como se arma uma farsa para tentar iludir você. Sem coragem de mostrar sua verdadeira face, Moroni colocou uma atriz para distorcer os fatos e agredir Luiziane. Esta cidadã é Nádia Cordeiro, ótima profissional de teatro usada por Moroni para confundir as pessoas.

A reprodução do "spot" veiculado na campanha de Moroni induzia à uma conclusão "lógica" : se quem fala não é quem diz que é, seus sentimentos também não são reais, ela interpreta um "texto de mentira" que perde assim o seu poder de persuasão.

Apresentador:

- Ela não fala como mãe, ela é uma atriz e não tem filho em idade escolar, o filho dela tem apenas dois anos . O fato de falsear a idade do próprio filho a mando de Moroni

desmascara uma armação para destorcer o programa de governo de Luiziane conduzindo a um entendimento maldoso. Como você pode comprovar o desespero com o crescimento da candidatura de Luiziane mostrado em todas as pesquisas leva o candidato do PFL a fazer todo tipo de encenação , mas isso será derrotado pela força do povo que sempre prefere a verdade.

A resposta dada no programa de Moroni visava a reabilitação da atriz mãe, ou mãe atriz: .

Apresentador :

- Vamos ver imagens do programa de Luiziane, como você pode ver nesse programa Luiziane denegriu a imagem da atriz, desqualificou a atriz que faz o comercial do Moroni. Luiziane, por que atacar uma atriz que está apenas trabalhando?

Após o "flash back" do trecho do programa o apresentador dirige-se diretamente a Luiziane denunciando a manobra de escolha de um alvo inocente, a atriz, e não o seu opositor, Moroni:

- Luiziane, o que uma artista, uma atriz tem a ver com isso? por que você está querendo transformá-la numa mulher má, perversa, cruel? Luiziane, ela tem sim o direito de expor suas idéias, todas as pessoas de acordo com a constituição podem expor as suas idéias. Mas ouçamos o depoimento da atriz.

Ela é convocada a falar, a assumir a sua própria defesa : mas em quais condições ela é autorizada a falar?

*- **Eu sou uma atriz** e como atriz eu posso ser jovem, velha, cínica, feia, rica ou pobre. Posso ser mãe, e mesmo que eu não fosse mãe, como atriz eu tenho todo o direito de interpretar o papel de uma mulher preocupada com o seu filho, como fiz com o comercial da campanha de Moroni, um procedimento totalmente legal em campanhas eleitorais. Mas acontece que **na vida real eu sou mesmo uma mãe**, e este é o papel mais importante da minha vida, e como atriz e como mãe, eu me sinto profundamente agredida com o programa eleitoral da candidata do PT que me expôs publicamente de forma leviana e desonrosa.*

A ambigüidade não é dissipada mas ampliada pela multiplicação de identidades: atriz, mulher, mãe, pedagoga... O excesso no tom melodramático de indignação da acusada, que quase chega às lágrimas, no entanto reforça a identidade de atriz. Ela se desloca para o lugar da destinatária idealizada (mãe zelosa) para afirmar que se sente representada no papel que interpreta. Ora, diferentemente do que acontece na vida real, não se espera de

um artista que ele interprete a si mesmo, que seja como menciona Goffman, um "ator sincero", que necessariamente acredita no que diz.

- *Eu sou mesmo uma atriz Luiziane, essa é a maneira honesta como eu ganho a vida, e é como mãe eu está ali representando aquele papel fala também a mulher que tem filho e que quer o melhor para ele. E você Luiziane, e ninguém, pode me incriminar por isso. E você fez isso Luiziane, e o que é pior, me investigou, invadiu minha privacidade e expôs minha vida pessoal e o meu filho de uma forma inconcebível, inaceitável, e como se não bastasse as ofensas dos militantes seus pressionando para que eu seja demitida do teatro. Não é verdade que meu filho tem dois anos, ele tem três, mas daqui a quatro anos quando o mandato do próximo prefeito de Fortaleza estiver terminando, ele terá sete anos e eu Nádia Aguiar, pedagoga, professora, atriz, mulher e mãe, realmente não sei se vou querer que ele esteja discutindo sobre homossexualismo na escola com essa idade. Você tem todo o direito Luiziane de propor o que quiser em seu programa de governo, só não tem o direito de me atacar, ofender, investigar e expor publicamente a vida de quem discorda de suas idéias. E você pode ter certeza que todas as mães, todos os pais que discordam da sua proposta vão ter motivos para ficar preocupados com suas idéias radicais e incoerentes. Luiziane você dá motivo para qualquer pessoa fique preocupada. Afinal como será amanhã se você se tornar prefeita e alguém ousar discordar de uma idéia sua?*

O candidato entra em cena não para firmar suas convicções morais mas para defender a atriz de ataques injustos dirigindo-se à sua adversária, em uma espécie de convocação para um confronto direto:

Moroni:

- *Luiziane, se você quer xingar, agredir, ofender alguém, faça isso comigo, deixe a atriz em paz, ela não tem nada a ver com isso, ela não é candidata, o candidato sou eu, ela é uma profissional.*

A estratégia enunciativa de encenar um julgamento do polêmico item do programa de governo de Luizianne foi utilizada pelos dois lados, recorrendo-se à palavra autorizada de especialistas convocados a depor.

O depoimento de defesa de defesa de Luiziane é dado por uma professora de meia idade, cuja forma de vestir e falar são índices do "ethos" da profissional experiente, confiável, que avaliza o item do programa de Luiziane sobre educação sexual na escolas como " respeito aos direitos humanos ". O cenário é sóbrio, a parede ao fundo como com fotos nas paredes da sala, decoração que sugere que o depoimento é dado em um ambiente real, a casa da professora. Ela é uma pessoa do mundo e não uma atriz, é o que atesta a legenda que a identifica: Evanise Ferreira, professora

- *"Sou professora e afirmo que é vergonhoso o que estão tentando fazer com a Luiziane para enganar o eleitor. A proposta que está no programa de governo da Luiziane é recomendada pelo Ministério da Educação e deveria estar no programa de qualquer candidato sério, e não tem nada a ver com ensinar homossexualismo na escola não gente, a proposta é ensinar aos nossos adolescentes o que o senhor Moroni com certeza não aprendeu, ter respeito a todos os seres humanos."*

Luiziane: - Nosso programa de governo que foi elaborado por professores universitários e por diversos seminários realizados em diversos bairros de Fortaleza, um programa de governo sério, começa a ser difamado e violentamente atacado, inclusive com afirmações mentirosas rompendo o acordo feito diante do juiz eleitoral.

É também um professor o fiador das críticas de Moroni ao programa de Luiziane:

- *Moroni está certo em questionar a candidata do PT que propõe uma orientação positiva para o homossexualismo nas escolas municipais. O MEC não recomenda essa abordagem é no âmbito familiar que se inicia a educação sexual da criança, a escola complementa ou aperfeiçoa essa orientação, jamais orientando para o ensino positivo do homossexualismo, nem contrapondo a orientação familiar ou a privacidade do aluno (legenda: professor de escola municipal)*

De um certo modo fica claro que para a própria equipe que definia as estratégias de comunicação da campanha de Luiziane o tema da homossexualidade permanecia herético. Daí o paradoxo de que uma proposta da candidata tenha sido insistentemente divulgada não por ela, mas por seu opositor, com prova documental da heresia cometida.

- *A incoerência parece ser a marca da candidata Luiziane Lins. Ela colocou em seu programa de televisão que o candidato Moroni está fazendo ataques a ela. Não é verdade, o candidato Moroni nunca entrou em ataques contra qualquer candidato, mas não deixaremos em nenhuma hipótese de aqui apresentar a verdade. O eleitor deve decidir seu voto de forma limpa e em cima de informações verdadeiras. A candidata Luiziane incluiu no seu programa de governo que está na internet, página 64 e 65 (...) Agora ela ataca Moroni numa tentativa de esconder a incoerência. Para mostrar a verdade, apresentamos aqui os itens do programa de governo da candidata do PT e a matéria publicada.*

Itens do programa de governo de Luiziane são lidos por uma voz off enquanto o texto prova é apresentado lentamente na tela em ritmo que permite que o próprio telespectador possa conferi-lo.

" Inclusão de acordo com os parâmetros curriculares nacionais na grade curricular das escolas municipais, da disciplina educação sexual com conteúdo programático positivo sobre as homossexualidades "

Apresentador: Contra fatos não há argumentos. Estes e outros temas que integram o capítulo intitulado "Direito a livre expressão sexual" destacados pelo jornal o Globo do Rio de Janeiro no dia 9 de outubro de 2.004, em matéria intitulada, " Plataforma gay alvoroça Fortaleza". É a candidata do PT que tenta enganar se fazendo de vítima, e pior que isso, mostra incoerência e nega plataformas de sua campanha. Moroni não é radical, não prega nem exerce preconceito, reconhece e defende os direitos dos seres humanos em todas as suas expressões, incluindo os dos homossexuais, conforme está na constituição brasileira."

A estratégia de defesa de Luiziane sustentou-se exatamente na ênfase à insustentabilidade de uma representação moral tão absurda que somente poderia ser classificada como injúria, difamação : ensinar homossexualismo a crianças? Quem de bom senso poderia acreditar que algo dessa natureza pudesse ser defendido por por alguém?

Os depoimentos de populares veiculados no programa de Luizianne na TV sinalizavam para uma forma plausível de interpretar o sentido do que era dito pelo opositor: mentira, baixaria.

Depoimentos de populares:

- Ele está apelando, o bicho já está pegando porque ele está vendo que está se aproximando as eleições, dia 31 está chegando e ele quer voto né, mas não adianta ele vir com baixarias, tem é que mostrar as propostas dele, como a Luiziane Lins está mostrando.

- Eu acho que são acusações totalmente infundadas, acusações preconceituosas, eu acho que a população de Fortaleza não precisa de informações desse caráter, inclusive com coisas completamente levianas que a gente vê por si só que é uma tremenda de uma mentira.

A justiça eleitoral foi acionada pelos advogados do PT para punir a campanha do adversário retirando do ar o que classificavam como propaganda injuriosa à Luiziane, legitimando oficialmente a interpretação pretendida:

Voz off: - A justiça eleitoral através do processo 11.129 decidiu suspender a propaganda de Moroni do PFL que distorce o conteúdo do programa de governo de Luizianne Lins sobre educação. O poder judiciário entende que a proposta de Luiziane foi completamente distorcida e determinou a suspensão da propaganda de Moroni considerada degradante, ressaltando que o preconceito não é admissível na doutrina e nas normas constitucionais.

Outro movimento acionado para reformular a dimensão herética do tema, tornando-o dizível no campo político foi inseri-lo no espaço semântico dos direitos humanos como respeito às diferenças individuais.

Invertiam-se as posições: agora era Moroni que precisa defender-se da acusação de preconceituoso.

Apresentador: - Moroni não discrimina os homossexuais, e sempre defendeu energicamente os direitos humanos. No comercial veiculado apenas foi questionado se é adequado que abordar esse assunto como crianças na faixa etária de da rede municipal. Qualquer pessoa de bom senso sabe que uma criança de 8 anos não está preparada para aprender os complexos conteúdos da física, da química e da biologia"

Cenas do debate entre Moroni e Luizianne realizado no Instituto Teológico de Pesquisas foram editadas e veiculadas no programa de TV do candidato do PFL em um tentativa de focar a discussão no campo da ortodoxia moral, em que se define "o que falar o que dizer" sem provocar escândalo.

Luiziane: - Ele detratou o meu programa na TV com informações mentirosas. Eu estou aqui com um documento enviado da CNBB sobre a família que diz " que a sexualidade deve ser tratada positivamente nos seus diversos níveis"

Apresentador:

*- Candidata no seu plano de governo está escrito **homossexualidade**, e não **sexualidade**, não distorça a verdade.*

*Moroni : - O que diz no seu programa é tratar positivamente a homossexualidade e não a **sexualidade**, isso é totalmente diferente*

5. Re-escritura de sentidos : a leitura da vitória de Luiziane sob o prisma das mutações nas representações morais dos eleitores

O sentido da mensagem de um texto, como lembra Thompson, " não é uma propriedade fixa da mensagem em si, mas uma característica que está sendo constantemente renovada no processo mesmo de apropriação".(Thompson. 1999: p. 407)

De modo especial em uma campanha eleitoral em que as estratégias discursivas se orientam para a persuasão e a conquista do eleitor, é importante identificar o "destinatário idealizado" ao qual se propõe um " contrato de leitura" que fixa parâmetros para uma partilha possível de sentidos. O termo "coenunciador" é utilizado na análise do discurso exatamente para enfatizar que o destinatário não é um receptor passivo. Ele realiza

operações que integram o processo de produção de sentidos, confirmando, recusando ou re-elaborando o "contrato de leitura" que lhe é oferecido.

Para desenvolver a análise dos processos de recepção de sentidos acionados pelos eleitores, e que elucidam de certa forma o sucesso ou insucesso das estratégias discursivas dos candidatos, recorreremos ao seguinte material empírico: depoimentos obtidos em três "grupos focais"¹¹, em sessões realizadas nos dias 19 e 20 de outubro, em que os participantes assistiram aos vídeos com cenas de "ataques" e "contra-ataques" referidos no tópico anterior deste texto, sendo estimulados logo após a falar e interpretar as mensagens recebidas; 6 sumários analíticos de pesquisas qualitativas realizadas durante a campanha de Luiziane entre 19 e 24 de outubro com grupos constituídos por adultos dos dois sexos, na faixa etária de 35 a 50 anos, pertencentes à estratos sociais de baixa renda.¹²

O objetivo pretendido é tentar *"reconstruir o sentido que esses receptores dão às mensagens que recebem, tornando explícitas as convenções implicitamente usadas na decodificação das mensagens, e examinar as atitudes que tomam explícita o implicitamente, diante dessas mensagens"* (Thompson. 1999: p.407)

A análise anteriormente desenvolvida sugere que os textos da campanha de Moroni pressupunham um "destinatário idealizado" movido por parâmetros morais fortemente ortodoxos do qual se esperava uma reação vigorosa a qualquer denúncia de que eles estariam em risco. Este foi, a meu ver, um erro de avaliação dos estrategistas de Moroni. Os destinatários reais eram bem mais complexos, não correspondiam aos padrões idealizados. Se não se pode dizer que o preconceito ao homossexualismo desapareceu, por certo ele já não pode ser exposto sem sofrer censuras. Vale lembrar a recente campanha publicitária do governo federal cujo slogan "onde você esconde seu preconceito?" inquiria homens e mulheres inquiridos a revelá-los em um ato de penitência. É importante ressaltar ainda a tarefa cívica assumida pelos autores de novelas da TV Globo com a abordagem de questões sociais eivadas de preconceitos. Um exemplo paradigmático é a novela de Agnaldo Silva de estrondoso sucesso de público que foi no ar no decorrer da campanha de 2.004: "A Senhora do Destino." Entre os temas polêmicos focados incluía-se o lesbianismo. As personagens Eleonora e Jennifer, combinavam os ingredientes necessários

¹¹ Os grupos focais sob minha orientação foram organizados por alunos do curso de graduação de Ciências Sociais UFC que cursavam a disciplina Análise do Discurso no segundo semestre de 2.004

¹² As pesquisas qualitativas, que aconteceram apenas no 2º turno da campanha de Luizianne

para ganhar a aceitação do público: eram jovens, belas, sem nenhum traço exterior de " masculinidade", com comportamento ético louvável e principalmente muito ligadas e queridas por suas famílias. A revista Veja (9/2/2.005) em matéria de capa sobre a novela traz título sugestivo sob forma de um veredicto: *" Lesbianismo Liberado. O caso de Eleonora (Milla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges) não foi rejeitado pela audiência graças a forma como se construiu a relação de ambas. Elas tiveram a aprovação dos pais , vão morar juntas e pretendem adotar um filho"*

Os participantes dos grupos focais criticaram a forma indireta usada para trazer para a campanha o tema da homossexualidade:

" Ele (Moroni) usou outro, uma atriz para se promover" A interpretação explícita dada para essa opção foi a *" incapacidade de lidar com a questão"* . Usar uma terceira pessoa (atriz) foi assim o recurso para tornar público algo que nos códigos de moralidade ortodoxa de Moroni seria *inominável*.

De um certo modo a mesma percepção de que se tratava de algo a ser abordado como reservas também foi imputado à Luiziane:

" Luiziane não insistiu na explicação de sua proposta. Se não tivesse sido mexida pelo Moroni, seria apenas mais uma proposta de uma agenda do seu programa que corria o risco de ser apenas enchimento de páginas, ou das crianças se assustarem como aquela questão dentro da sala de aula" (participante de grupo focal)

Por outro lado a positivação do tema seguia as diretrizes implícitas à própria defesa articulada nos programas de Luiziane: a) secundarizar a referência ao homossexualismo como parte de uma disciplina do currículo escolar, Educação Sexual; b) classificar como injúria a afirmação absurda de que a candidata pretendesse " ensinar homossexualismo" a crianças; re-qualificar o tema como um capítulo da luta da candidata pelos "direitos humanos". É o que pode ser ilustrado nos depoimentos transcritos a seguir :

" As crianças estão amadurecendo, elas vivem em um mundo de adultos muito precocemente, então não adianta fazer isso sem nenhuma orientação . Quantas crianças de 11, 12, 13 anos são atendidas nos hospitais grávidas, mulher de 17 anos com 3 filhos... A proposta dela não se refere a homossexualidade, se refere ao ensino da sexualidade positiva"

"Ele usou para induzir os eleitores a pensar que e mexer com a opinião pública para induzir que ia ser ensinado homossexualidade às crianças, de fato, não era o que ia acontecer, pelo menos a proposta não era essa"

" Moroni sai perdendo, a Luiziane tinha a proposta e ele não. Ele usou essa proposta pro lado do rebaixamento de Luiziane e de todo o povo que lhe apoia"

" Moroni perde por não colocar a questão da homossexualidade com mais conteúdo, limitou-se apenas a rebaixar a Luiziane proporcionando o seu próprio rebaixamento"

Vale ressaltar que o fato de Luizianne não ter sido atingida pelas críticas do opositor não implica em que as representações morais sobre a homossexualidade tenham sido alteradas substancialmente. É o que pode ser ilustrado na seqüência de intervenções de D. Vera, meia idade, mãe de família, uma das participantes de um dos grupos focais. . As avaliações negativas emitidas por ela se endereçam não a Luiziane, mas a Moroni, identificado como aquele que trouxe o tema maldito para as casas das famílias em uma manobra classificada como " baixaria" . A explicitação de posições morais conservadoras são compatibilizadas com a confirmação de seu voto em Luiziane:

- Homossexualidade nas escolas! Isso é um absurdo.

- O programa eleitoral não era pra falar de homossexualismo nas escolas. Tem tanta coisa, criança passando fome, hospitais precisando de remédio, as ruas cheias de lama , a cidade toda contaminada. Ela vem falar de homossexualidade na escola com tanta coisa pra se preocupar..

- Ridículo, ele quer encontrar qualquer meio para derrotar a adversária. Eu jamais votaria nele, Moroni. (D. Vera)

A estratégia de "desmascarar " a atriz que falava como mãe, foi bem sucedida exatamente por reforçar a " lógica do bom senso": em uma campanha eleitoral somente reconhecido como farsa o tema tornava-se dizível:

" porque eu acho que ninguém aceita que seu filho seja "isso" , principalmente uma pessoa que está tomando conta da prefeitura, vai ensinar a aceitar? Eu acho que não vai, por que nenhuma mãe gosta e as professoras não vão ensinar uma coisa dessa! " (Laydiana , 20 anos, solteira, dois filhos, voto definido em Luiziane)

O que era dito pela atriz desqualifica a "mãe de verdade" (Norma Cordeiro). Um detalhe assume a dimensão de prova da farsa, da mentira: a idade do filho da atriz, ele tem apenas dois e não sete anos.

" A questão da mulher ter mentido sobre a idade do filho dela, foi uma baixaria do Moroni, ele estava apelando "

" Eu acho que ela fez mais do que certo em mostrar que ela (a atriz? A mãe?) estava mentindo. Se ele(Moroni) é capaz de mentir na televisão para induzir o povo a votar nele..."

" Ele poderia ter colocado uma coisa verdadeira,

" Eu acho que realmente foi uma grande armação, foi um suicídio do candidato. Em relação àqueles vídeos eu acho que ele foi muito mal assessorado, porque nenhuma pessoa de bom senso vai bater demais na tecla do homossexualismo (..) A forma como a candidata se defendeu, pelo fato dela apresentar realmente a verdade, a gente vendo a propaganda via que era uma armação"

" Bem em relação ao vídeo que acabamos de assistir eu acho que a gravação dessa atriz... é um desespero do candidato Moroni, e o ato de estar passando isso na TV , eu me acho invadida, abrir minha televisão e ver uma, uma... horário político do candidato falando isso... Você vê notoriamente que é mentira. Não precisava muito pra depois a gente ficar sabendo que era essa pessoa era uma atriz"

As observações contidas nos sumários das pesquisas qualitativas seguem o mesmo curso das obtidas nos grupos focais anteriormente analisados . Homens e mulheres adultos, entre 35 a 50 anos, classes D/E. confirmavam posições conservadoras de valorização positiva de representações dos padrões morais da família tradicional. Embora admitam existir uma relação direta entre ser bom pai e bom marido e ser bom administrador, afirmam paradoxalmente que isso não necessariamente influenciava o seu voto. As opiniões sobre se o tema da homossexualidade deveria ser tratado nas escolas eram divergentes, mas predominava a interpretação de que Moroni estava " distorcendo essa história só para derrubar a Luiziane"

O tema "homossexualismo" trazido para a campanha política (esfera pública) foi bandido pelos destinatários que o re-inserem na esfera da intimidade e portanto desconsiderado na decisão do voto (ato da vida pública):

" Talvez ela seja homossexual, não sei, dizem que é... Se é ou não é, não é da minha conta. O medo é ela ficar tocando muito nisso e esquecer o resto que é muito mais importante"

As primeiras rodadas de pesquisa dos principais Institutos de Pesquisa publicadas nos jornais locais confirmaram que Luiziane não tinha sido atingida pelos ataques

sustentando sua posição de favorita no 2º turno: "Luiziane tem 53% contra 40% de Moroni" (Ibope/TV Verdes Mares); Data Folha Mostra Luiziane com 51% e Moroni com 39%"

É importante assinalar que se o contexto do primeiro turno era o da competição acirrada, o mesmo não acontecia no 2º turno. Os votos se cristalizaram rapidamente e Luiziane esteve sempre na dianteira. Neste contexto é mais difícil atingir o favorito, aplicando-se a ele o termo cunhado pela mídia "blindagem". Os eleitores certamente participam ativamente das manobras de defesa de escolhas já feitas:

"As pessoas estavam muito partidárias, cristalizadas mesmo, e isso se tornou um jogo de torcidas organizadas. As pessoas repetiam clichês dos programas eleitorais de um e do outro, tomando aquilo como verdades absolutas. (...) Não tinham opiniões diferentes, não aprofundavam nada, era como se estivessem completamente monitorados pelos discursos de um lado e do outro" (Fernando Costa, publicitário)

Bibliografia

- ALBINO, Antonio Canelas Rubim, organizador. (2004) Comunicação e Política : conceitos e abordagens. SP/Salvador: Editora UNESP/UFBA.
- ALDÉ, Alessandra. (2004) A Construção da Política- democracia, cidadania e meios de comunicação de massa. RJ: editora FGV
- BALANDIER, George. (1982) O Poder em Cena. Brasília: Editora UNB
- BARHES, Roland. (1993) Mitologias. São Paulo: Bertrand
- BENJAMIN, Walter. (1995) Obras Escolhidas- Magia e Arte. São Paulo: Brasiliense
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. (1991) A Construção Social da Realidade - Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes
- BOURDIEU, Pierre. (1989). O Poder Simbólico. Lisboa: Difel/Bertrand
- (1982) O Que Falar, o Que Dizer. Lisboa, Difel
- (1990) Coisas Ditas. SP: Editora Brasiliense
- BURKE, Peter. A Fabricação do Rei - A Construção a Imagem Pública de Luís XLV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- CANCLINE, (2000). Culturas Híbridas. São Paulo: Edusp
- CARDOSO Flamarion e MAKERBA Jurandir- organizadores (2000) Representações - Contribuição a um debate transdisciplinar., São Paulo: Papyrus Editora.
- CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly (1999). Transição Democrática Brasileira e Padrão Publicitário Midiático da Política. Campinas-SP: Pontes Editores/UFC
- (Org) - 2003. A Produção da Política em Campanhas Eleitorais. SP/CE: Pontes/Programa de Pós Graduação em Sociologia, UFC
- (2004) . " Representações da Política" in ALBINO, Antonio

Canelas Rubim, organizador.(2004) Comunicação e Política : conceitos e abordagens. SP/Salvador: Editora UNESP/UFBA.

_____(2.004) " Como Se Faz e Desfaz Um Fenômeno Eleitoral: o caso Roseana." in Eleições Presidenciais no Brasil: ensaios sobre mídia, cultura e política. Rubim, Antonio Canelas Rubim (org) SP: Hacker Editores/CULT

CASTORIADIS, Cornélius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CHAMPAGNE, Patrick. Formar Opinião - O Novo Jogo Político. Petrópolis-RJ: Editora Vozes

CHARTIER, R. (1990). A História Cultural entre Práticas e Representações. Lisboa.: Difel.

DURKHEIM, Émile. (1989) As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Edições Paulinas

ELIADE, Mircea. (1991) Imagens e Símbolos- Ensaio sobre o simbolismo Religioso. São Paulo: Martins Fontes

ELIAS, Norberto. (1993) O Processo Civilizador, vol 2 . RJ: Zahar Editor

FAUSTO, Antônio Neto e PINTO, Milton. O Indivíduo e as Mídias.(1996) RJ: Diadorim/COMPÓS

FOUCAULT, Michel. (2.003) A Verdade e as Formas Jurídicas. RJ: Nau Editora /PUC .

GIDDENS, Anthony (1993) A Transformação da Intimidade- Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. SP: editora UNESP

GOFFMAN, Erving. (1975) A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis-RJ: editora Vozes

------(1988) Estigma- Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª. edição. RJ: editora LTC

GUAZIANA, Liziane S. (1997) ."Ficção Televisiva e política: um estudo sobre a telenovela " Explode Coração" in Comunicação e Política, v. 4, n.2, maio/agosto

IBANEZ, F. Representações sociais: teoria e método in Ideologías de la vida cotidiana. Barcelona, Sendai, 1988.

JOAS, Hans. (1999) " Interacionismo Simbólico" in Teoria Social Hoje, organizadores Anthony Giddens e Jonathan Turner: editora UNESP

JODELET, Denise (1991) Les Représentations Sociales. p. 31-61. Paris: PUF

LIPOVETSKY, Giles. (1997). O Império do Efêmero- A moda e seu Destino nas Sociedades Modernas. São Paulo: Companhia das Letras.

LEFEBVRE, Henry. (1983). Contribución a la teoria de las representaciones. México: Fondo de Cultura Económica.

LIMA, Venicio A. " Cenários de Representação da Política, CR-P" (2.004) in ALBINO, Antonio Canelas Rubim, organizador. Comunicação e Política : conceitos e abordagens. SP/Salvador: Editora UNESP/UFBA.

MARX, Karl. (1977). Contribuição à Crítica da Economia Política. São Paulo: Martins Fontes

PALMEIRA, Moacir e GOLMAN, Marcio (1996). Antropologia e Representação Política. Rio de Janeiro: Contra Capa.

PLATÃO. (s/d) A República. Rio de Janeiro: Editora Globo S.A

PORTO, Mauro.(1994) Telenovelas e Política: o CR-P da eleição presidencial de 1994 in Comunicação e Política, v. 1, n.3, abril -julho

PROSS, Harry. (1997) Estructura simbólica del Poder - Teoria e prática de la

comunicación pública. Barcelona: Editora Gustavo Gili.

RIVIÉRE, Claude. (1989). As Liturgias Políticas. Rio de Janeiro: Imago

RUBIN, Albino. (1999) Mídia e Política no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária

SÁ, Celso Pereira. (1996). O Campo de Estudos das Representações Sociais. Petrópolis-RJ: Editora Vozes.

SENNETT, Richard.(1998) O Declínio do Homem Público- As Tirantias da Intimidade. São Paulo: Companhia das Letras

VERON, Eliseo. (1980). A Produção de Sentido. São Paulo - SP: Editora Cultrix/Ed da Universidade de São Paulo.

SPINK, M.J. - org- (1993) O Conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia. São Paulo: Brasiliense

VERNANT, Jean - Pierre. (1996). Entre Mito e Política. São Paulo: Edusp

WEBER, Max (1999). Economia e Sociedade, Volume 2. Brasília DF : Editora UNB